

REPERTÓRIOS DE AÇÃO EM UMA ESFERA PÚBLICA INTERCONECTADA: AS CAMPANHAS DA AVAAZ

Marcelo Castañeda

Cientista social com doutorado pelo CPDA/UFRRJ e atualmente é pesquisador colaborador do PP-GCom/UERJ como bolsista de pós-doutorado (PNPD/CAPES) com pesquisas sobre ação política em interseção com as tecnologias da internet e consumo, enfatizando a relação dos sujeitos com as máquinas na contemporaneidade no campo político.

RESUMO

O artigo analisa a Avaaz para discutir questões inerentes à ação coletiva com a internet a partir de uma pesquisa que envolveu participação observante no site da organização, análise de e-mails e entrevistas em profundidade com a equipe de campanhas. A construção de um histórico sobre o papel das tecnologias da internet na configuração de processos de lutas que se tecem a partir dos anos 1990 traça um pano de fundo para entender a formação da Avaaz em 2007. Com a caracterização do modo de operação desta organização, o artigo procura discutir as modificações na esfera pública e os repertórios de ação que estão em jogo com a internet.

Palavras-chave: Internet. Avaaz. Ação política.

ABSTRACT

The article analyzes the Avaaz to discuss issues related to collective action with the internet from a research that involves observant participation in the organization's website, e-mail analysis and in-depth interviews with the team campaigns. The construction of a history of the role of internet technologies in the configuration of struggles processes that are woven from the

1990s paints a background for understanding the formation of Avaaz in 2007. With the characterization of the mode of operation of this organization the article discusses the changes in the public sphere and the repertoires of action that are at stake with the internet.

Keywords: Internet. Avaaz. Political Action.

Introdução

Em uma manhã, uma pessoa trabalhava em frente a um notebook e recebeu um e-mail de uma organização chamada Avaaz. Ela estava cadastrada na base de dados desta organização que mobiliza mais de 45 milhões de pessoas¹ para participar de campanhas de cunho político, humanitário ou ambiental ao redor do mundo ao enviar e-mails com uma frequência regular. Naquele dia essa pessoa abriu um e-mail que apelava para que assinasse uma petição que pretendia reunir um milhão de assinaturas “para acabar com o sofrimento dos animais”. Ao se identificar com o tema, a pessoa clicou em um link que estava no texto do e-mail, sendo levada a interagir em uma página do site desta organização, onde assinou a petição. Depois dessa adesão, a pessoa tinha como opção compartilhar sua ação em sites de redes sociais, como o Facebook ou o Twitter.

Este processo pode levar de cinco a dez minutos. É o tempo que dura o engajamento nesta oportunidade de participação viabilizada pela Avaaz. Feito isso, no caso em tela, a pessoa pode voltar a fazer o seu trabalho. Na semana seguinte, um novo e-mail será enviado pela Avaaz para pessoas cadastradas em seu *mailing*, e esta pessoa passará por este processo de escolha novamente pelo menos uma vez a cada semana seguinte. Outra possibilidade é a pessoa não ter tempo de abrir o e-mail naquele momento, não se interessar pelo tema da campanha, não gostar da organização ou a mensagem ir para a caixa de *spam*. Nessas situações, não se despende

¹ Eram 45.573.022 membros cadastrados. Acesso em: 30 set. 2017, 16:40.

quase tempo algum com o e-mail recebido. Por fim, a pessoa pode também clicar em links de campanhas da Avaaz em sites de redes sociais como Twitter ou Facebook e ser levada a interagir com o site desta organização, perfazendo o caminho destacado de forma esquemática e sintética no parágrafo anterior.

A situação hipotética relatada acima permite colocar algumas questões: como as pessoas agem coletiva e politicamente com a internet? No que e como a internet vem contribuindo para as mobilizações locais, nacionais e transnacionais contemporâneas? Como funciona esta organização, a Avaaz, que mobiliza mais de 45 milhões de pessoas ao redor do mundo oferecendo oportunidades de participação para o engajamento de indivíduos em suas campanhas? O que essas ações permitem refletir sobre a esfera pública, os repertórios e as lógicas de ação? Com estas questões como ponto de partida, este artigo procura entender as nuances e os processos presentes nas possibilidades de ação coletiva com a internet a partir de uma reflexão sobre as formas de ação coordenadas pela Avaaz.

Metodologicamente, o acompanhamento das ações da Avaaz, especialmente as campanhas, visa entender as novas configurações e reconfigurações da ação coletiva com o advento da internet. Com base na perspectiva indiciária de Carlo Ginzburg (1989), a tese de Castañeda de Araujo (2014) busca indícios e sinais para entender o funcionamento do site desta organização na sua dinâmica de mobilização, bem como acompanhar os alertas de e-mail que recebia como membro para empreender uma análise dos alertas de e-mail recebidos entre 2011 e 2013, utilizando o *software N-VIVO 7*, bem como analisar os significados e valores inerentes ao conjunto das campanhas deflagradas pela organização neste período.

Desde navegações no site da Avaaz até a organização de todos os e-mails recebidos, esta pesquisa, que serve de base para o presente artigo, se desenvolveu tendo a internet como um mediador, ou seja, todos os dados foram sociotecnicamente construídos. Isso consumiu muitas horas de observação e organização das impressões percebidas na interação mediada pelas tecnologias da internet.

Além da observação e da participação nas ações da Avaaz no período assinalado, também foram realizadas entrevistas, presenciais e por Skype, com organizadores de campanhas desta organização, bem como por e-mail, com 25 pessoas que são consideradas membros pela organização. As entrevistas com membros foram feitas por e-mail a partir de uma seleção que foi ordenada pela página da organização no Facebook, quando percebi, por volta de março de 2013, que 51 contatos meus naquele site também recebiam notícias da Avaaz. A partir daí, tentei contato por e-mail com todos eles, obtendo 25 respostas. Trata-se de um círculo muito específico e enviesado a partir do meu círculo de amizades no Facebook. Não se trata de uma amostra representativa de todos os membros da Avaaz, mas permitiu reflexões qualitativas sobre esta organização.

As entrevistas mostram como estes indivíduos conheceram a Avaaz, como se sentem como membros desta organização, a opinião a respeito das campanhas comunicadas, como participam delas, a quantidade que lembram ter participado, a que foi mais marcante, se já efetuaram doação financeira para a Avaaz, se participam de algum outro movimento ou organização, se compartilham suas ações com sua rede de contatos em sites de redes sociais como Facebook e Twitter.

Desta forma, mostro como certos atores sociais contemporâneos agem coletivamente com as tecnologias da internet, enfatizando os diferentes papéis nas mobilizações políticas e formas de ação coletiva que se configuram em uma esfera pública interconectada (BENKLER, 2006) em uma sociedade global em rede (CASTELLS, 2009). Ao desenvolver um estudo de caso sobre a Avaaz, Castañeda (2015) considera esta organização como um ator-rede, entendendo que a ação coletiva com a internet não se concentra em atores e agentes que agem em contextos específicos, mas nos fluxos contínuos viabilizados por mediadores sociotécnicos, ou seja, conjuntos compostos por pessoas e objetos que se inter-relacionam e viabilizam formas específicas de mobilização, participação e engajamento. Neste sentido, torna-se importante entender a internet nos contextos de luta que possibilitaram a formação da Avaaz.

A internet como tecnologias e práticas que se entrelaçam nos contextos transnacionais de luta

Miller e Slater (2000) defendem um olhar que apreenda tanto traços múltiplos e específicos de agentes que criam relacionamentos quanto a tecnologia como um componente ativo. Nesta perspectiva, o ponto de partida é a forma pela qual uma tecnologia de comunicação se encontra enraizada em algum lugar. As tecnologias e aplicativos presentes em e-mails, sites, blogs, plataformas de comunicação e artefatos tecnológicos, como *notebooks* e telefones celulares, configuram diferentes conjuntos que se associam a práticas e contextos articulados em uma arquitetura de rede, constituindo o que se convencionou chamar de internet.

Se a internet é um conjunto de tecnologias, práticas e contextos que se entrelaçam e permite estabelecer novas conexões e associações, estas tecnologias podem ser vistas como participantes na composição de coletivos políticos heterogêneos, como na perspectiva da teoria do ator-rede desenvolvida por Bruno Latour (2005), que traz a possibilidade de entender as tecnologias da internet como mediadores de certas formas de ação coletiva.

O fenômeno de difusão da internet reflete a emergência de uma “complexa dialética pela qual a especificidade é um produto da generalidade e vice-versa” (MILLER & SLATER, 2000, p. 7). Os indivíduos transformam continuamente a internet por meio dos diversos usos que fazem dela e, ainda que estas tecnologias configurem uma rede de comunicação global, Castells (2003, p. 12) assinala que “seu uso e sua realidade em evolução são produto da ação humana sob as condições específicas da história”.

Khan e Kellner (2005) chamam atenção para o fato de que o progressivo uso político da internet não absolve estas tecnologias de serem criticadas e teorizadas como ferramentas e extensões do que pode ser entendido como um “tecnocapitalismo global”. Aceitando isso, a internet aparece como um terreno politicamente em disputa, tendo em vista que, numa visão ideal de tipos que se opõem, as forças subculturais alternativas e grupos políticos progressistas estão articulados em oposição às forças mais reacionárias, con-

servadoras e dominantes. Vale destacar que não se trata apenas destas duas forças, mas de uma enorme quantidade intermediária delas, que se articulam e desarticulam. Assim, da mesma forma que é importante criticar os caminhos pelos quais estas tecnologias podem servir como instrumentos unidimensionais, também é necessário examinar os caminhos pelos quais se dá a ação coletiva com a internet.

Neste sentido, torna-se importante empreender uma contextualização histórica dos papéis da internet em movimentos sociais transnacionais como pano de fundo para aprofundar uma análise das ações empreendidas pela Avaaz. Interessa destacar três momentos a partir dos anos 1990: o zapatismo, o movimento por uma globalização alternativa e os diferentes protestos que ganharam a esfera pública globalizada no ano de 2011, tais como a Primavera Árabe, os *Indignados* espanhóis e o *Ocuppy Wall Street*.

Nestas mobilizações políticas contemporâneas, a importância da internet se relaciona com seu papel na disseminação de informações, em especial na rede de guerra zapatista (SHIRLEY, 2001; MARTINEZ-TORRES, 2001; SCHULZ, 2007); na constituição de redes de solidariedade, comunicação e contrainformação (LEETOY, 2004; ORTIZ, 2005); articulação e organização de ativistas (KELLNER, 2003; BENNETT, 2003); e retroalimentação das ocupações dos espaços públicos (CASTELLS, 2012).

Antoun (2001) mostra que os movimentos contemporâneos podem ser vistos como redes de guerra com características específicas: flexíveis, fluidas e autônomas, com uma organização policêntrica e ideologicamente integrada em conexões estruturais, coletivas e individuais; utilizam táticas de luta que incluem a *blitz* e o *swarming* sobre objetivos negociados e predeterminados; e desafiam limites e separações entre Estado e sociedade, nacional e internacional, público e privado, legal e ilegal, com a tendência a confundir as instituições do Estado nacional responsáveis pela lei e pela ordem, como a polícia e a justiça.

Se em 1994 estas tecnologias foram entendidas por diferentes autores (SCHULZ, 1998; MARTINEZ-TORRES, 2001) como uma ferramenta a ser-

viço dos movimentos que compunham a rede de guerra zapatista, algo que se pode manipular e usar, ela demonstrou ser mais que isso e, em 1999, com o movimento por uma globalização alternativa, as tecnologias da internet já podem ser apreciadas como mediadoras sociotécnicas das ações empreendidas. Este papel mediador foi reforçado e ampliado nas redes de “indignação e esperança” dos movimentos que se constituíram em 2011. Além de cumprir um papel importante na comunicação, somente com a internet se tornou possível configurar uma rede de solidariedade global, que acabou por influenciar a formação do “movimento dos movimentos” por uma globalização alternativa (SEOANE et al., 2002), facilitando a participação na política: a ação se tornou mais rápida e universal, enquanto as tecnologias baixaram os custos e obstáculos de organização da ação coletiva de forma significativa (VAN AELST et al., 2002).

Os movimentos por uma globalização alternativa se articularam com a internet, em especial por meio de listas de e-mail e sites (WALL, 2007) que funcionam como recursos organizacionais e mediadores sociotécnicos (BENNETT, 2003). As redes de comunicação digital favoreceram atores com poucos recursos que estavam experimentando estratégias políticas diferentes dos canais convencionais da política nacional, tais como as eleições e os grupos de interesses: as reuniões de Cúpula internacional, tais como OMC, FMI, G8 viraram alvos de um nascente ativismo transnacional com a internet (VAN AELST et al., 2002; KELLNER, 2003).

Em um extenso mapeamento, Castells (2012) mostra que os diferentes movimentos que tomaram a esfera pública durante o ano de 2011 – a Primavera Árabe, os *Indignados* espanhóis e o *Occupy Wall Street* – são locais e globais ao mesmo tempo e geralmente se desencadeiam a partir de uma faísca de indignação relacionada com um evento específico ou um descontentamento com a ação dos governantes. Seguindo a lógica das redes da internet, também são virais, não somente pelo caráter de difusão das mensagens ou de mobilização das imagens, mas pelo efeito das manifestações, que passaram a brotar por todos os lugares. O autor entende que estes movimentos são autorreflexivos, raramente programáticos, exceto quando seu foco é uma

questão clara e simples quanto derrubar regimes ditatoriais, pretendendo mudar os valores da sociedade e, em alguns casos, com consequências eleitorais. Por fim, são movimentos políticos em um sentido fundamental, em especial quando eles propõem e praticam a democracia deliberativa, direta, baseada em uma democracia em rede.

Para o autor, a internet possibilita uma transição da individualização para a autonomia, que é operada pelas redes, sendo que a mais profunda transformação social da internet veio na primeira década do século XXI com a mudança de interações individuais e corporativas na internet, como o uso do e-mail, por exemplo, para uma construção mais autônoma de redes sociotécnicas controladas e dirigidas por seus usuários. É nesse contexto que se forma a organização que serve de eixo empírico e analítico no presente artigo.

Formação e operação da Avaaz

A Avaaz surgiu em 2007 e seu significado remete à “voz”. Sua formação começou a ser articulada em meados de 2006, com base em modelos de mobilização on-line desenvolvidos ao longo da primeira década do século XXI. Neste processo de formação, destaca-se a consultoria da *Purpose*², bem como a participação de integrantes de organizações como a *Res Publica*³ e a *MoveOn.org*⁴.

² Fundada pelo australiano Jeremy Heimans, a *Purpose* desenvolve e lança seus próprios movimentos sociais e de consumidores, disponibilizando seu modelo para trabalhar com organizações e empresas “progressistas” a fim de ajudá-las a mobilizar ações com propósitos específicos em larga escala. Dentre as organizações criadas pela *Purpose*, além da *Avaaz*, destacam-se a *GetUpl*, que se volta para questões australianas, a *All Out*, voltada para a causa LGBT, e o *Meu Rio*, que se volta para as questões da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: <<http://www.purpose.com>>. Acesso em: 20 jul. 2015, 12:29.

³ A *Res Publica* se apresenta como uma comunidade de “empreendedores públicos” que se dedicam à promoção de boa governança, virtude cívica e democracia deliberativa, que escolhem sua localização e projetos baseados em ameaças que identificam ao bem público, buscando oportunidades para maximizar o impacto de suas ações. Dentre seus membros, destacam-se Ricken Patel, atual diretor-executivo da *Avaaz*. Fonte: <<http://therespublica.org/index.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2012, 18:53.

⁴ A *MoveOn.org* foi criada em 1998 por dois empresários do Vale do Silício, Joan Blades e Wes Boyd, e teve grande destaque nos protestos contra a Guerra do Iraque, em 2003. É constituída por duas

O objetivo deste grupo inicial era conceber uma estrutura de mobilização global que aproveitasse os potenciais das novas tecnologias da informação e comunicação, em especial a internet, o que não existia até então. O atual diretor-executivo da Avaaz, o canadense Ricken Patel, foi um destes fundadores, integrando a *Res Publica*. Depois de registrar uma sede fiscal em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a Avaaz começou a atuar no fim de janeiro de 2007. Os demais fundadores se desvincularam, voltando para suas organizações de origem, ficando apenas Patel à frente.

Esta organização se define como uma “comunidade de mobilização on-line que leva a voz da sociedade civil para a política global”⁵, podendo ser vista como uma organização de *advocacy*⁶ que procura a defesa de direitos, buscando influenciar a formulação e execução de políticas junto ao poder público e à sociedade de modo geral. Schieck (2008) entende a Avaaz como uma nova rede de mobilização global, cuja missão democrática é acabar com a brecha entre o “mundo que nós temos” e o “mundo que queremos”, expressões recorrentes no site da Avaaz: utilizando as tecnologias da internet, cidadãos se conectam e se mobilizam para além das fronteiras de seus países, apresentando uma nova voz para a política internacional que anteriormente era inacessível à população.

A atuação da Avaaz compreende a elaboração de campanhas multitemáticas, abordando um amplo leque de questões humanitárias, ambientais e democráticas a partir de uma escala transnacional. Estas campanhas buscam mobilizar pessoas ao redor do mundo ao enviar e-mails para exercer pressão na tomada de decisões em diferentes escalas, em especial nacional e global. A petição eletrônica é a estratégia de ação mais utilizada. No Brasil, país com maior número de membros, a campanha de maior visibilidade foi pela aprovação da Lei da Ficha Limpa, em 2010.

divisões: a *MoveOn.org Civic Action*, que se volta para questões relacionadas com educação e defesa de direitos; e a *MoveOn.org Political Action*, que mobiliza norte-americanos para pressionar o Congresso Nacional e ajudar os candidatos eleitos que refletem os valores de seus membros. Fonte: <<http://www.moveon.org/about.html>>. Acesso em: 15 mar. 2012, 18:27.

⁵ Fonte: <[Fontehttp://www.avaaz.org/po/about.php](http://www.avaaz.org/po/about.php)>. Acesso em: 20 jul. 2016, 12:38.

⁶ Na falta de uma tradução literal, considero que o termo designa as ações que podem ser vistas fundamentalmente como defesa de direitos a partir de um grupo de interesse.

Desde a sua formação, a Avaaz conta com uma equipe profissional que vem se expandindo ao longo do tempo: passou de doze profissionais espalhados pelo mundo, atuando em vários países, para algo em torno de 80 a 90, incluindo a área técnica. Devido ao seu propósito de atuar globalmente, a organização não mantém escritórios nacionais, e sua sede serve como uma espécie de base administrativa e financeira para receber doações e apoiar as ações que são deflagradas com a internet pelos seus profissionais, que atuam espalhados pelo mundo comunicando-se através de plataformas com a internet, buscando o engajamento e a participação dos seus mais de 45 milhões de membros⁷, ou seja, qualquer pessoa que tenha participado de alguma ação proposta pela organização.

A Avaaz começou a operar por meio de um site (www.avaaz.org) que, desde 2007, possui interfaces com 16 diferentes idiomas⁸ para interação com o público, que o acessa na versão em português. O site é uma parte importante nos processos de engajamento e participação dos que são considerados membros pela Avaaz. Essas pessoas são mobilizadas pelo envio de e-mails denominados alertas, com os quais a organização comunica suas estratégias de participação por meio de campanhas procurando o engajamento dos que denomina como seus “membros”.

Tornei-me membro da Avaaz em setembro de 2010, quando cadastrei meus dados para participar de uma campanha e, desde então, comecei a nutrir interesse em pesquisar esta organização. A maior parte das observações empíricas tecidas aqui deriva desta condição, que me coloca como parte da rede da Avaaz. Embora as pessoas que em algum momento cadastraram seus e-mails no site da Avaaz nem sempre se vejam como integrantes desta organização, esta considera como membros, para cada envio de novos alertas de e-mail, as pessoas que cadastraram seus endereços eletrônicos no site, ao participarem de alguma de suas campanhas.

⁷ De acordo com a página principal da organização: <<https://www.avaaz.org/po/index.php>>. Acesso em: 30 set. 2017, 16:56.

⁸ Eis as possibilidades: português, inglês, árabe, alemão, russo, francês, espanhol, coreano, chinês, japonês, holandês, italiano, hebreu, turco, polonês e romeno, nesta ordem. Alguns destes códigos linguísticos foram identificados utilizando a ferramenta *Google Tradutor*.

As oportunidades de participação viabilizadas por esta organização compreendem o financiamento de campanhas de anúncios na mídia; a assinatura de petições, armazenadas no site; doações; realização de telefonemas e envio de mensagens para os e-mails de governos e parlamentares; criação de petições no site *Petições da Comunidade*⁹, e, em alguns casos muito pontuais, a participação em protestos e eventos nas ruas. Este conjunto de ações pretende “garantir que os valores e visões da sociedade civil global informem as decisões governamentais que afetam todos nós”¹⁰.

Este conjunto de oportunidades de participação oferecidas pela Avaaz permite pensar sobre o significado da participação política nos tempos atuais, na medida em que alguns cliques e o compartilhamento de links em sites de redes sociais, feitos em alguns minutos, podem ser vistos como uma forma de participação e engajamento diferenciadas das que usualmente compõem o repertório de ação moderno (TILLY, 1995), tais como movimentos sociais, partidos políticos e manifestações públicas.

A Avaaz pode ser vista como um fruto da reconfiguração do campo político pela internet, servindo como possibilidade empírica para uma análise das mudanças nos repertórios e lógicas de ação nas sociedades contemporâneas. As ações desta organização sinalizam a emergência de um repertório de ação digital (EARL et al., 2011) e de uma ação conectada (BENNETT et al., 2012), compreendendo novas formas de ação em uma esfera pública que parece cada vez mais interconectada e renovada pelo advento da internet nas sociedades contemporâneas (BENKLER, 2006).

No campo do ativismo global, a Avaaz baseia seu processo de mobilização no envio de e-mails, que comunicam campanhas aos seus mais de 45 milhões de membros ao redor do mundo, e em uma presença em sites de redes sociais, em especial Facebook e Twitter, graças às ações de uma

⁹ Trata-se de uma plataforma onde qualquer pessoa pode criar uma petição, mas que este artigo não aborda de forma central, pois se concentra nas campanhas que são criadas pela equipe profissional da Avaaz. O *Petições da Comunidade* pode ser acessado em: <<https://secure.avaaz.org/po/petition/>>. Acesso em: 20 jul. 2016, 12:45.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.avaaz.org/po/about.php>>. Acesso em: 20 jul. 2011, 15:12.

parcela significativa desses membros que compartilham links nesses sites de redes sociais a cada campanha. Castañeda (2015) caracteriza essa organização como um ator-rede nos termos de Latour (2005) na medida em que as tecnologias da internet se constituem como mediadores sociotécnicos que compõem instrumentos de mobilização de pessoas cadastradas ao redor do mundo, em especial os alertas de e-mail e o site desta organização, oferecendo oportunidades de participação e engajamento.

A cada campanha fabricada pela Avaaz, as tecnologias da internet possibilitam o acréscimo contínuo de novas conexões e associações possíveis entre indivíduos, grupos e objetos materiais. Esta organização configura um tipo de ação coletiva coordenada que é específica das sociedades contemporâneas: suas campanhas abrem possibilidades de agenciamentos e engajamentos em processos de formação de coletivos políticos heterogêneos viabilizados pelas inter-relações entre tecnologias da internet e ações e práticas de atores sociais que se voltam para demandar questões junto a alvos nacionais ou transnacionais na esfera pública. As tecnologias da internet são objetos materiais que atuam como mediadores sociotécnicos, abrindo possibilidades para conexões e associações no processo incompleto e aberto de formação de coletivos políticos heterogêneos e nas agências que compõem as campanhas da Avaaz.

Castañeda de Araujo (2014) mostra que, ainda que se proponha a atuar como “voz da sociedade civil para a política global”, na maior parte de suas campanhas a Avaaz procura conferir visibilidade internacional para questões se voltam para alvos nacionais. Se uma determinada campanha tem um alvo que pode ser visto como nacional, esta organização procura construir uma visibilidade internacional para esta questão, a fim de pressionar representantes nacionais em diferentes esferas – Executivo, Legislativo e Judiciário – e escalas, criando situações de mudança.

Na fabricação das campanhas, o trabalho dos profissionais se articula em múltiplas equipes que constituem uma espécie de radar, procurando capturar e identificar novas oportunidades de campanhas. A Avaaz lança campanhas em contextos em que percebe a sua capacidade de “fazer a dife-

rença”, procurando causar uma mudança no estado de coisas ou evitar uma mudança para pior, interferindo na realidade mediante sua capacidade de mobilização rápida para que um grande número de pessoas assine petições, faça telefonemas, envie mensagens, faça doações ou crie uma petição em um curto espaço de tempo, que é o principal ativo desta organização.

Entre as características comuns aos alertas de e-mail relacionam-se o senso de ação coletiva, um sentido de urgência e um tom emocional. Os membros devem realizar uma ação rápida nos curtos limites temporais de cada enquadramento de campanha que representam uma ação coletiva em curso. Além disso, o tom emocional nas mensagens visa chamar a atenção dos membros para a importância de agir sobre o contexto que a Avaaz propõe na rapidez e instantaneidade do tempo de leitura de um e-mail.

Castañeda de Araujo (2014) destaca que as campanhas desta organização podem ser vistas como uma forma de contrapoder nas redes globais de comunicação que se configuram com a internet nas sociedades contemporâneas na medida em que procuram uma reconfiguração destas ao atuar em diferentes pontos de conexão com suas múltiplas questões. A mobilização dos membros se dá pelo envio de e-mails que abrem diferentes possibilidades de engajamento a depender das oportunidades de participação que variam ao longo de uma campanha e da série de campanhas que são fabricadas. Este trabalho de mediação e mobilização é complementado pelo site desta organização, que atua como uma central de cálculo das campanhas da Avaaz.

Os repertórios de ação em uma esfera pública interconectada

As campanhas da Avaaz podem ser vistas como fluxos comunicativos canalizados para uma esfera pública (CORREIA, 2011), pois procuram formar opinião ou buscar apoio entre os cidadãos de um ou vários Estados para exercer pressão sobre um Estado ou organismo transnacional. Esta organização se constitui como um poder comunicacional (CASTELLS, 2009) que atravessa o poder da mídia quando se faz como mediador sociotécnico de notícias inesperadas para indivíduos espalhados pelo mundo que, sendo

capazes de criticar e selecionar seus interesses, são mobilizados para atuar como parte de uma comunidade de campanhas politicamente legítima.

Ao mobilizar sua rede de membros, este ator-rede procura uma espécie de consenso, mesmo sem possibilitar o diálogo e a deliberação entre os membros, que somente podem concordar ou não com as campanhas que lhes são enviadas. Ao concordar, a pessoa passa a fazer parte de uma ação comum em uma rede que se estrutura como um público que irá influenciar uma determinada esfera de poder. Com suas campanhas globais, a Avaaz cria um tipo específico de discussão em diferentes esferas públicas nacionais, abrindo mão de uma articulação de atores sociais para difundir o tema de determinada campanha e passa ao largo da necessidade de cobertura da mídia nacional. A pressão sobre governos nacionais se mostra como a principal ação desta organização transnacional, que procura dialogar com outros atores sociais nacionais na elaboração de suas campanhas, assim como fica atenta às informações veiculadas pela mídia nacional. Esta pressão cria oportunidades de discussão sobre temáticas específicas de diferentes esferas públicas nacionais e dá visibilidade internacional sobre alguns temas.

Schulz (2007) entende que dificilmente irá se formar uma esfera pública unitária ou integrada entre os bilhões de participantes da hipermídia internet. No entanto, as distâncias e fronteiras puramente geográficas perderiam sua importância relativa, e os limites mais importantes passariam a ser as línguas, as visões de mundo e os estilos de vida. Neste cenário plural, com a difusão da internet, abre-se espaço para o surgimento de uma organização como a Avaaz, cujo site se encontra traduzido em diferentes línguas e que busca intervir em diferentes esferas públicas nacionais, participando também de esferas públicas planetárias através das campanhas globais, com ações que vão além da mobilização virtual.

A ausência de um espaço de deliberação entre os membros e destes com a organização na definição das campanhas a serem deflagradas revela um limite claro para se enquadrar no modelo de esfera pública normativo (DAHLBERG, 2001; POLAT, 2005). Por este prisma, a partir da Avaaz não há uma expansão da esfera pública, pois esta organização se insere em deba-

tes sobre problemas que já estão colocados publicamente, mobilizando sua rede para influenciar neles. Por outro lado, a operação da Avaaz se dá pela distribuição de e-mails em um *mailing* cadastrado, e as pessoas que recebem os e-mails não sabem de antemão que campanha vai ser distribuída, o que a princípio pode favorecer encontros com informações inesperadas. A ausência de fórum de deliberação promovido e estimulado pela organização pode favorecer um tipo específico de engajamento, que pode ser visto como pontual, na medida em que não há qualquer tipo de comunicação e interação entre os membros para definir as campanhas a serem deflagradas, restando a possibilidade de clicar apoiando ou não as campanhas organizadas pelos profissionais ou criar uma petição no site *Petições da Comunidade*, que opera desde junho de 2012.

Dahlgren (2005) chama atenção para o fato de que a internet está na vanguarda da evolução da esfera pública e que, se a dispersão das esferas públicas geralmente contribui para a desagregação de um sistema de comunicação política já desestabilizado, a internet permite que cidadãos engajados desempenhem um papel no desenvolvimento de novas políticas democráticas. A discussão pode tomar a forma de deliberação, com vários graus de sucesso, sendo que o mais importante neste contexto é que a conversa entre os cidadãos seja o catalisador para as culturas cívicas que estão alimentando este engajamento.

Como um ator-rede que está inserido nos debates que se desenrolam na esfera pública, esta organização procura um momento específico para agir sobre questões públicas que já estão amadurecidas. A Avaaz coloca seu capital político, que se concentra no seu *mailing*, a serviço de determinadas questões nos momentos em que são vistos por ela como cruciais, pressionando para que determinada situação de mudança ocorra ou seja evitada. Ainda que a organização não fomente um processo deliberativo com seus membros, estes acabam por se identificar e até mesmo compartilhar com suas redes de contatos pessoais em sites de redes sociais como Facebook e Twitter.

Ainda que a internet e a Avaaz sejam uma possibilidade dentre muitas no campo político, bem como tenham trazido benefícios para o debate público,

existem muitas dúvidas quanto à formação de uma nova esfera pública com o advento da internet. No entanto, é interessante destacar uma transição que parece estar em curso: de um modelo de esfera pública baseado nos meios de comunicação de massa para uma esfera pública interconectada em uma sociedade global em rede. Benkler (2006) mostra que o advento da internet e a configuração de uma economia informacional em rede permitem a emergência de uma esfera pública interconectada, onde mais e muitos indivíduos podem comunicar suas observações e pontos de vista para outros indivíduos sem serem controlados ou restritos pelos donos da mídia ou corrompidos pelo dinheiro, o que pode levar a crer em uma expansão da esfera pública.

O ambiente de informação em rede abre novos domínios para uma vida produtiva, inclusive para ações que estão no domínio da organização política, como, por exemplo, as que são desenvolvidas pela Avaaz. Assinar uma petição eletrônica é a forma de participação mais recorrente para o engajamento dos membros que são mobilizados, em especial nas campanhas globais. No que diz respeito às campanhas nacionais, o repertório oferecido aos membros passa por possibilidades diferenciadas de participação, envolvendo também o envio de mensagens diretas e a realização de telefonemas para alvos predeterminados. Outras formas de participação envolvem a criação de petições no site *Petições da Comunidade*, bem como a possibilidade de efetuar doações para campanhas específicas ou para sustentar financeiramente a organização.

As mudanças nas formas pelas quais as pessoas agem conjuntamente em prol de interesses comuns podem ser entendidas pela noção de repertórios de ação coletiva, que não designam performances individuais, mas formas de interação entre partes ou conjuntos maiores de atores. Tilly (1995) entende os repertórios de ação como formas estabilizadas nas quais os atores em jogo fazem e recebem demandas considerando o interesse dos outros. É na interação entre o ator-rede de cada campanha, visto como um coletivo heterogêneo que entrelaça humanos e não humanos, e os alvos que se pode falar de um repertório a partir das campanhas da Avaaz. O que parece estar em jogo nessas campanhas são inovações do repertório de ação moderno, na

medida em que a petição não foi criada por esta organização, mas ganhou em adesão, tempo e novas escalas com o advento da internet – da mesma forma que enviar uma mensagem para um alvo se tornou mais fácil com a internet do que por meio de cartas, por exemplo.

Apesar de remeter a uma inovação de formas existentes de protesto, o engajamento em diferentes oportunidades de participação nas campanhas mobilizadas pela Avaaz, tais como assinaturas de petições eletrônicas, envio de mensagens, realização de telefonemas, doações e, em especial, a criação de petições, mostram novas possibilidades performáticas em um plano mais individualizado. Neste sentido, vale ressaltar que um repertório de ação digital (ROLFE, 2005; CHADWICK, 2007; MACHADO, 2007; EARL e KIM-PORT, 2011) parece tomar forma com a internet, sendo importante destacar que este vai muito além das ações da Avaaz.

Existem duas perspectivas principais acerca do repertório digital. De um lado, a visão de que está sendo construído um repertório digital mais geral a partir da tradução de formas de ação política (ROLFE, 2005; MACHADO, 2007); de outro, há quem enxergue um alcance maior e mais possibilidades de ação coletiva (EARL e KIM-PORT, 2011). Além disso, Chadwick (2007) aponta um processo de hibridização organizacional que faz com que um repertório de ação digital se baseie na criação de formas atraentes e cada vez mais convergentes de ação cidadã on-line, no fomento da confiança entre grupos de cidadãos ligados horizontalmente, na fusão de discursos subculturais e políticos e na criação e desenvolvimento de redes on-line.

O ato de compartilhar conteúdos em sites de redes sociais assume um nível de importância para o tipo de ação política coordenada pela Avaaz. Não é por acaso que a cada ação tomada por um membro no site desta organização aparecem possibilidades de compartilhamento em sites de redes sociais, em especial Facebook e Twitter, vistos como possibilidades de aumentar a base de membros, além de aumentar a participação nas estratégias de ação propostas.

A fim de pensar a emergência de um repertório de ação digital, Earl e Kimport (2011) destacam duas características do ativismo com a internet: os custos reduzidos para criar, organizar e participar de protestos e a baixa

necessidade de estar fisicamente presentes para agir juntos e organizar. A combinação de baixos custos dos novos organizadores, baixos níveis de socialização com movimentos sociais e baixas pressões organizacionais configuram um comportamento diferente dos movimentos sociais, que estavam na base do repertório de ação moderno.

Com a internet, existem poucas barreiras para que novos organizadores, como a Avaaz, criem protestos de acordo com suas expectativas. Se o protesto não é mais dependente dos movimentos sociais e ativistas neles engajados, e existem custos extremamente baixos para criação de campanhas, existe pouca razão para ocorrer suspensão. Neste sentido, um repertório de ação digital parece emergir e conviver com o repertório de ação moderno. Bennett e Segerberg (2012) compreendem duas lógicas de ação: de um lado, uma lógica da ação coletiva associada a altos níveis de recursos organizacionais e formação de identidades coletivas; de outro, uma lógica da ação conectada baseada em conteúdos personalizados compartilhados através de redes digitais de comunicação.

As ações desenvolvidas a partir das tecnologias da internet que medeiam as campanhas da Avaaz se aproximam mais de uma lógica de ação conectada do que de uma ação coletiva, ainda que esta esteja presente, por exemplo, na entrega das petições. Uma característica desta organização é seu caráter digitalmente motivado e o tipo de mobilização dos seus mais de 45 milhões de membros espalhados pelo mundo, que pode fazer com que a Avaaz seja vista como uma rede de ação digitalmente motivada. De um lado, ela organiza a ação, coordenando o envio de e-mails que mobilizam membros a se engajarem em oportunidades de participação; de outro, os membros podem compartilhar links das campanhas nas quais se engajaram em sites de redes sociais, mobilizando seus contatos pessoais.

Assim, dois tipos de uma lógica de ação conectada convivem paralelamente e, muitas vezes, em contato com uma lógica da ação coletiva, e ambas se desenvolvem na esfera pública, onde as questões estão sendo construídas como problemas. As oportunidades de participação que são dadas pela mobilização por e-mail da Avaaz não exercem qualquer tipo de pressão para o engajamento dos membros mobilizados. Trata-se de um engajamento pon-

tual, sendo que o membro pode compartilhar os links em sites de redes sociais, inclusive personalizando a mensagem.

A lógica de ação conectada não explica todas as políticas de protesto nem substitui o modelo de ação coletiva clássico, que permanece útil para análise dos movimentos sociais. Mas este modelo não lança luz sobre um importante meio de ação que marca as políticas de protesto nas sociedades contemporâneas, tais como a Primavera Árabe, os *Indignados*, o *Occupy*, os protestos globais contra as mudanças climáticas e também as campanhas da Avaaz. As ações propostas por esta organização remetem à lógica da ação conectada na medida em que mobiliza, de um lado, redes organizacionalmente motivadas, através dos alertas de e-mail, mas também redes auto-organizadas, na medida em que seus membros compartilham as ações em que se engajam em sites de redes sociais.

Pistas para novos caminhos

Nesta seção final, destaco lacunas que podem servir de inspiração para pesquisas futuras no campo da ação coletiva com a internet. Primeiramente, no que diz respeito à Avaaz, a análise sobre a percepção dos membros sobre o seu engajamento pode ser aprofundada em um momento futuro, procurando acessar o banco de dados da organização, o que depende de aprovação da mesma, buscando uma amostra representativa e fazendo uso de uma metodologia quantitativa, de forma a ter um panorama.

Outro ponto que pode ser aprofundado é a relação da Avaaz com outras organizações em diferentes contextos de luta na esfera pública, ou seja, entender as interações que estão em jogo a cada campanha. Da mesma forma, a eficácia destas campanhas merece um estudo a parte, a fim de saber quais os efeitos e impactos de cada uma no sentido de gerar a situação de mudança pretendida pela organização, o que é difícil pela própria natureza da Avaaz, que trabalha com questões que já estão em curso na esfera pública.

Ainda no que diz respeito à organização, cabe tentar o acompanhamento das reuniões entre os seus profissionais, a fim de entender os critérios de seleção das campanhas, bem como as relações de hierarquia que se

configuram. Outra lacuna diz respeito às dinâmicas de interações inerentes ao compartilhamento de links das campanhas da Avaaz em sites de redes sociais, considerando que pode haver tão somente um compartilhamento, mas também uma personalização da mensagem.

Num plano mais geral, podemos concluir que a ação coletiva com a internet sugere uma plasticidade de configurações de modalidades de ação inerentes a cada movimento no seu contexto de ação. Entre as possibilidades futuras, cabe entender como a internet aparece associada a diferentes movimentos, indo além dos exemplos mobilizados neste trabalho, o que exigirá uma perspectiva comparativa, compreendendo como a mobilização, a participação e o engajamento com a internet perfazem formas diferentes de ação política.

Não foi possível verificar se houve uma expansão da esfera pública a partir do estudo de caso empreendido, apesar de existirem pistas neste sentido, em especial com a emergência de uma esfera pública interconectada que parece engajar mais pessoas. Além disso, pesquisas futuras podem aprofundar a convivência entre repertórios, moderno e digital, bem como entre lógicas de ação, coletiva e conectada, em diferentes contextos.

Por fim, no que diz respeito aos repertórios com a internet, vale pensar se eles são amplos, sendo que a Avaaz, como objeto de estudo, possibilitou entender uma apropriação específica dentre muitas possibilidades que a internet oferece. Não é possível analisar toda ação política com a internet a partir dessa organização, sendo que pesquisas futuras podem estabelecer comparações entre diferentes modalidades de ação com a internet.

REFERÊNCIAS

1. ANTOUN, Henrique. A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. **Livro do XI COMPÓS**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
2. BENNETT, W. Lance. Communicating Global Activism. **Information, Communication & Society**, v. 6, n. 2, p. 143-168, 2003.

3. BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.
4. BENKLER, Yochai. **The wealth of networks** – How social production transforms markets and freedom. New Haven and London: Yale University Press, 2006.
5. CASTAÑEDA DE ARAUJO, Marcelo. Ação coletiva com a internet. Tese (Doutorado) – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
6. CASTAÑEDA, Marcelo. Mobilização política por e-mail: uma análise da Avaaz como ator-rede. **Revista Compólitica**, v. 5, n. 1, 2015.
7. CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
8. _____. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009.
9. _____. **Networks of outrage and hope: Social Movements in the Internet Age**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2012.
10. CHADWICK, Andrew. Digital network repertoires and organizational hybridity. **Political Communication**, v. 24, n. 3, p. 283-301, 2007.
11. CORREIA, João Carlos. The meanings of public sphere: is there any democratic role for internet? In: CORREIA, João Carlos; MAIA, Rousiley C. **Public sphere reconsidered: Theories and Practices**. Portugal: Covilhã, Livros LabCom, 2011.
12. DAHLBERG, Lincoln. Computer-mediated communication and the public sphere: a critical analysis. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 7, n. 1, 2001.
13. DAHLGREN, Peter. The internet, public spheres, and Political Communication: dispersion and deliberation. **Political Communication**, 22 (2): 147-162, 2005.
14. EARL, Jennifer & KIMPORT, Katrina. **Digitally enabled social change: activism in the internet age**. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2011.
15. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
16. KELLNER, Douglas. **Globalization, Technopolitics and Revolution**. The future of revolutions. London: Zed Books, 2003.
17. KHAN, Richard; KELLNER, Douglas. Oppositional politics and the internet: a critic/reconstructive approach. **Cultural Politics**, v. 1, n. 1, p. 75-100, 2005.
18. LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social - An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
19. LEETOY, Salvador. **La guerra ideológica en el ciberespacio: La conformación de redes sociales en Internet como estrategia de propaganda en el conflicto Zapatista**

- en Chiapas. Reunión 2004 de la Asociación de Estudios Latinoamericanos (Latin American Studies Association, LASA), Las Vegas, Nevada Octubre 7-9, 2004.
20. MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, 2007.
 21. MARTINEZ-TORRES, Maria Elena. Civil Society, the Internet, and the Zapatistas. **Peace Review: A Journal of Social Justice**, v. 13, n. 3, p. 347-355, 2001.
 22. MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The internet: an Ethnographic Approach**. New York: Oxford International Publishers, 2000.
 23. ORTIZ, Pedro Henrique Falco. Das montanhas mexicanas ao ciberespaço. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2005.
 24. POLAT, Rabia Karakaya. The internet and Political Participation: exploring the explanatory links. **European Journal of Communication**, v. 20, n. 435, 2005.
 25. ROLFE, Brett. Building an eletronic repertoire of contention. **Social Movement Studies: Journal of Social, Cultural and Political Protest**, v. 4, n. 1, p. 65-74, 2005.
 26. SCHIECK, Mônica. **Ciberativismo: um olhar sobre as petições online**. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014, 17:32.
 27. SCHULZ, Markus S. Collective action across borders: Opportunity Structures, network Capacities, and Communicative Praxis in the age of Advanced Globalization. **Sociological Perspectives**, v. 41, n. 3, p. 587-616, 1998.
 28. _____. Novas mídias, mobilização transnacional e as reestruturações das esferas públicas. **Civitas**, Porto Alegre, n. 2, p. 108-128, 2007a.
 29. SEOANE, José; TADDEI, Emilio. From Seattle to Porto Alegre: The Anti-Neoliberal Globalization Movement. **Current Sociology**, v. 50, n. 99, 2002.
 30. SHIRLEY, Sheryl. **Zapatista Organizing in cyberspace: winning hearts and minds**. Paper prepared for delivery at the 2001 Conference of the Latin American Studies Association, Washington D.C., September 6-8, 2001.
 31. TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: TRAU-GOTT, Mark (Ed.). **Repertoires and Cycles of Collective Action**. Durham, EUA: Duke University Press, 1995.
 32. VAN AELST, Peter & WALGRAVE, Stefaan. New media, new movements? The role of the internet in shaping the “anti-globalization” movement. **Information, Communication & Society**, v. 5, n. 4, p. 465-493, 2002.
 33. WALL, Melissa A. Social movements and email: expressions of online identity in the globalization protests. **New Media Society**, v. 9, p. 258-277, 2007.